

Projeto: Entre a Casa, as Ruas e as Instituições: crianças e adolescentes em situação de rua e as instituições de acolhimento no estado do Rio de Janeiro

Levantamento da Produção Acadêmica sobre Acolhimento Institucional para Crianças e Adolescentes (2000-2019)

Coordenação: Irene Rizzini (PUC-RIO/CIESPI - Apoio: FAPERJ/CNE)

Ficha

1) Referência – CALCING, Jordana; BENETTI, Sílvia Pereira da Cruz. Caracterização da saúde mental em crianças e adolescentes em acolhimento institucional. *Psico*, Porto Alegre, PUCRS, v. 45, n. 4, pp. 559-567, out-dez. 2014.

2) Resumo e Palavras-Chave – Este estudo teve como objetivo identificar as experiências de vida traumáticas e a prevalência de problemas de comportamento em crianças e adolescentes em situação de acolhimento institucional. O grupo investigado foi constituído por 41 crianças e adolescentes de ambos os sexos, com idade de 7 a 18 anos, provenientes de cinco casas de acolhimento localizadas na região norte do estado do Rio Grande do Sul. Para a obtenção dos dados, utilizaram-se os instrumentos: Inventário de Eventos Estressores na Infância e Adolescência (IEEIA), Inventário de Depressão Infantil (CDI), e o Child Behavior Checklist (CBCL). Os dados apontaram para a presença de problemas de comportamento em um número significativo de crianças e adolescentes, tendo em vista suas histórias de vida marcadas por eventos traumáticos. Considerando esses dados, destaca-se a importância de instituir políticas públicas que contemplem as necessidades de crianças e adolescentes institucionalizados, a fim de que seus direitos sejam garantidos.

Palavras-Chave: abrigo; adolescentes; crianças; políticas públicas.

3) Objetivo do estudo – Este estudo teve como objetivo identificar as experiências de vida traumáticas e a prevalência de problemas de comportamento em crianças e adolescentes em situação de acolhimento institucional.

4) Tipo de pesquisa – Trata-se de um estudo com delineamento quantitativo descritivo, transversal, que procurou identificar as características de saúde mental em crianças e adolescentes institucionalizados, por motivo de afastamento familiar, na região norte do estado do Rio Grande do Sul. O grupo investigado foi constituído por 41 crianças e adolescentes de ambos os sexos, com idade de 7 a 18 anos, provenientes de cinco casas de acolhimento localizadas na região norte do estado do Rio Grande do Sul.

5) Período da pesquisa – Não informado.

6) Forma de coleta de dados – Para a obtenção dos dados, utilizaram-se os instrumentos: Ficha de Dados Sociodemográficos, Inventário de Eventos Estressores na Infância e Adolescência (IEEIA), Inventário de Depressão Infantil (CDI) e o Child Behavior Checklist (CBCL).

Os instrumentos foram aplicados de maneira coletiva e individual, de acordo com as demandas de cada criança, levando em conta a sua faixa etária e a sua capacidade intelectual. Mesmo os participantes que responderam de forma coletiva aos questionários contavam com o auxílio de uma ou duas pesquisadoras, prontas para atendê-los, caso necessitassem de ajuda.

7) Forma de análise dos dados produzidos / referencial teórico – Os dados foram analisados através de testes estatísticos descritivos (frequências e médias), testes inferenciais paramétricos (Análise de Variância e Correlação de Pearson) e testes não paramétricos (Qui-quadrado) através do Programa Estatístico SPSS, versão 19.

8) Resultados / dados produzidos – Com base nesses resultados, verifica-se que distintamente do que ocorre com crianças e adolescentes não institucionalizados, as experiências de vida de crianças acolhidas são marcadas por vivências traumáticas. Assim, as crianças mencionaram o castigo, o impedimento de ver os pais e as brigas com irmãos como os eventos mais frequentes. Já os adolescentes citaram a mudança de escola, ir para o conselho tutelar, brigas com irmãos, tirar notas baixas na escola. Por conseguinte, nas crianças, a separação familiar e o resultante impedimento de convívio caracteriza maior dependência afetiva, que, nos adolescentes, é traduzida pelo estresse de trocas de escola, fato que rompe com alianças e amizades entre o grupo de pares. Chama a atenção, porém, o aspecto positivo da identificação pelos adolescentes das dificuldades escolares como uma situação negativa, visto que demonstra o reconhecimento do processo educativo como relevante em seu contexto. Os dados apontaram para a presença de problemas de comportamento em um número significativo de crianças e adolescentes, tendo em vista suas histórias de vida marcadas por eventos traumáticos.

9) Recomendações – Esses dados apontam para a necessidade de intervenções imediatas face às vivências traumáticas e também o acompanhamento de crianças e adolescentes. Porém, é essencial a criteriosa identificação de como a própria criança percebeu aquele evento traumático para poder ser desenvolvido um programa adequado de intervenção. Destaca-se a importância de instituir políticas públicas que contemplem as necessidades de crianças e adolescentes institucionalizados, a fim de que seus direitos sejam garantidos. Dessa forma, como conclusão deste trabalho, destacamos o trabalho de resgate de vínculos na dimensão familiar, o investimento criterioso de apoio ao processo educativo das crianças, o treinamento dos técnicos e, principalmente, o atendimento das demandas emocionais das crianças e adolescentes como medidas para o atendimento nas situações de acolhimento institucional. Somente intervindo nesses contextos de forma integrada à rede de atendimento estadual e municipal, estaremos transformando trajetórias marcadas por privação e sofrimento.

10) Observações e destaques –

Ficha construída a partir de trechos extraídos do texto original.